

# Pedro Teotónio Pereira, Embaixador Português em Espanha durante as Guerras

Manuel Braga da Cruz

---

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 429-440



# Pedro Teotónio Pereira, Embaixador Português em Espanha durante as Guerras \*

Manuel Braga da Cruz

Pedro Teotónio Pereira foi um dos mais estreitos colaboradores de Salazar e um dos seus mais brilhantes embaixadores. Quando Salazar ocupou a pasta dos Negócios Estrangeiros, na vigência da guerra civil de Espanha e da II guerra mundial, nomeou embaixadores nas principais capitais do mundo os seus mais próximos colaboradores e, entre eles, vários dos primeiros ministros do Estado Novo. Foi o caso de Pedro Teotónio Pereira.

Depois de ter sido, por três anos (de 1933 a 1936), como Subsecretário de Estado das Corporações, o grande construtor das primeiras estruturas do corporativismo português, e depois de ter sido por dois anos (de 1936 a 1937), Ministro do Comércio e Indústria, foi nomeado por Salazar em finais de 1937 "agente especial do governo português junto do governo de Franco"<sup>1</sup>, tendo chegado a Salamanca a 18 de Janeiro de 1938.

Contrariando a política inglesa em relação à guerra de Espanha, favorável aos republicanos, Salazar não hesitou em apoiar Franco desde a primeira hora. Daí o enorme prestígio de Portugal e de Salazar nas hostes franquistas e, mais tarde, no governo de Burgos.

Ao mesmo tempo Salazar e o seu governo demarcavam-se da Alemanha e da Itália, de onde provinham as maiores cobiças relativas às colónias africanas de Portugal. Contrariara a política africana da Itália, votando a favor das sanções económicas da Sociedade das Nações contra a invasão da Etiópia em 1936.

A actuação de Teotónio Pereira grangear-lhe-á fama de "espanófilo", e autoridade para dizer com franqueza ao governo de Burgos o que pensava, ao mesmo tempo que se demarcava da actuação alemã e italiana junto de Franco e favorecia a influência inglesa e aliada entre as elites espanholas, no sentido de corrigir a política aliada durante a guerra civil e conseguir manter a política de neutralidade ibérica durante a guerra mundial.

## 1. EM SALAMANCA E BURGOS DURANTE A GUERRA CML

Teotónio Pereira chega a Salamanca a 19 de Janeiro, numa altura em que "as atenções (do governo de Burgos) iam todas para os representantes diplomáticos alemães e italianos e a atmosfera de quase hostilidade que ficava para os outros tornava-se deveras aborrecida"<sup>2</sup>.

A sua designação como agente especial era notoriamente transitória e inscrevia-se numa política que "levaria indubitavelmente ao reconhecimento do governo de Burgos dentro de pouco tempo"<sup>3</sup>. Contudo, logo em Fevereiro sugere a Salazar o reconhecimento do governo de Franco antes da Inglaterra, que virá a ser anunciado por Salazar na Assembleia Nacional a 28 de Abril desse ano,

\* Conferência proferida no XV Curso de verão da Universidade Marquês de Santillana, em Guadalajara, a 21 de Julho de 2000. Cortaria de 13 de Dezembro de 1937

<sup>2</sup> Pedro Theotónio Pereira, *Memórias*, Lisboa, Verbo, 1973, II volume, p. 24

<sup>3</sup> *Ibidem*

e concretizado a 12 de Maio. A 20 de Maio é convidado para Embaixador e entrega credenciais a Franco a 24 de Junho.

Alemães e italianos exerciam de facto grande influência no governo nacionalista. Teotónio Pereira desde cedo começou a disputar essa influência, procurando fazer prevalecer, com a portuguesa, outras influências, sobretudo a inglesa. Era por isso visto pelos alemães e italianos como um agente defensor dos interesses ingleses. Ao mesmo tempo demarcava-se das orientações das futuras potências do Eixo, chegando mesmo a sair de Salamanca, em Abril, para não assistir à festa nacional alemã.

Em finais de 1938, Gil Robles traduziu e prefaciou um livro de Salazar, cuja circulação será impedida pelo Governo, não por causa da "impopularidade actual do prefaciador, mas sim por uma imposição pura e simples dos italianos", conforme confidenciou o Ministro dos Estrangeiros Jordana a Teotónio Pereira, que acrescentou: "A política portuguesa é olhada com grande desconfiança e evita-se quanto possível que ela venha a influenciar o novo estado espanhol. (...) E pena tenho que tão pouco se possa fazer contra a poderosa propaganda de alemães e italianos"<sup>4</sup>. Essa forte presença de alemães e italianos junto de Franco atribuía-os aos erros da política inglesa relativa à Espanha como aliás o reconhecia o representante britânico em confiança a Teotónio Pereira:

"O Governo inglês por covardia ante as esquerdas e a opinião pública levou a Inglaterra a esta vergonhosa situação. Nunca a Inglaterra teve um insucesso desta natureza nem destas proporções. Os alemães e os italianos estão aqui por nossa culpa e no fundo os espanhóis detestam uns e outros porque hão-de ser sempre os mesmos. Os senhores é que tiveram uma política muito hábil. (...) Sempre achei inadmissível aquela espécie de neutralidade perante os dois partidos em luta, mas nunca consegui convencê-los do banditismo dos vermelhos"<sup>5</sup>.

A 31 de Janeiro foi pela primeira vez recebido por Franco em Burgos, a quem manifestou, além de satisfação, pelo estabelecimento de relações diplomáticas, a sua preocupação pelo "sindicalismo já ultrapassado" da Falange, que se harmonizava mal com o "clima moral da Espanha e os laços de fraterna amizade com Portugal", já que os falangistas "levavam as suas fantasias até ao ponto de cortarem dos mapas da Península a fronteira com Portugal, "que se considera a mais antiga da Europa"<sup>6</sup>. Franco tranquilizou-o sublinhando o grande respeito da Espanha nacionalista por Portugal, e a amizade recíproca, enaltecendo também o valor dos soldados portugueses do Tércio.

Ao longo desse ano de 1938 prepara o Pacto de Não-Agressão, que a Espanha de Franco necessitava antes de angariar novas amizades, e que virá a ser assinado em 17 de Março de 1939.

A guerra mundial anunciava-se e com ela o temor de que os contendores que se desenhavam absorvessem na sua órbita os dois países da península em campos opostos. A Espanha temia ter a oeste uma fronteira já não amiga. Portugal temia que a Alemanha nazi se instalasse demasiado entre o campo nacionalista a ponto de tornar a entrada em guerra inevitável. Estabelecer um pacto de amizade mútua significaria sustentar e dificultar esse processo e segurar a neutralidade ibérica. Assim, enquanto não se anunciam compromissos internacionais de parte a parte, Portugal e Espanha selavam entre si o Pacto que os havia de manter fora da guerra.

A embaixada alemã irritava-se com o atrevimento português, pois via por trás dele, o apoio inglês a tal ideia.

Theotónio Pereira envida esforços para que Franco visite Portugal, antes de visitar a Itália, e no caso de não poder ser o chefe do governo que seja Serrano Suner, Ministro do Interior, a fazer essa visita. Serrano Suner acabará por visitar primeiro a Itália, Franco comprometera-se durante a guerra a fazer a primeira visita à Itália e a segunda à Alemanha<sup>7</sup>.

O papel do embaixador português em Espanha era apreciado cada vez mais pelo governo de

<sup>4</sup> *Correspondência de Pedro Theotónio Pereira para Oliveira Salazar*. Presidência do Conselho de Ministros, CLNSRF, 1989-1991, vol.L pp.135-136

<sup>5</sup> *Correspondência... I*, pp. 148-149

<sup>6</sup> *Memórias, II*, p.56

<sup>7</sup> *Correspondência... I*, p.194. Todas as seguintes citações são desta *Correspondência...*

Burgos que, por isso mesmo, o condecorou com a Grã Cruz de Yugo y Flechas, símbolo do reconhecimento pelo seu trabalho entre o corpo diplomático acreditado junto de Franco e pelo que a diplomacia portuguesa fazia nas instâncias internacionais a favor da Espanha nacionalista.

Esse papel de Portugal é reconhecido por outros representantes como o francês, em Junho de 1939, que confidencia a Teotónio Pereira que "Portugal está em situação especialíssima para conseguir deter a Espanha na direcção do eixo", e que "a intervenção de Portugal pode ser decisiva"<sup>8</sup>.

Acontecia que os generais espanhóis que visitam países do eixo, regressavam em "estado de exaltação"<sup>9</sup>, o que deixava Teotónio Pereira apreensivo, tanto mais que era inábil a política da França, sobretudo relativa à devolução do ouro levado pelos republicanos para aquele país. No entanto, Teotónio Pereira visita Franco, em Burgos, em Junho desse ano, e encontra-o já menos dominado pelas ideias do eixo. No entanto, comunica a Salazar, "é cada vez maior a pressão de alemães e italianos. (...) Continuo porém com a impressão que os espanhóis resistem à tentação. (...) Somos a única amarra que lhes resta e só haverá vantagem em que lhe sintam alguma consistência". E por isso sugere a visita a um porto espanhol da flotilha portuguesa de contra-torpedeiros "para luzir aos olhos da população o nosso valor militar"<sup>10</sup>. Uma semana depois transmite a Salazar a boa impressão em Espanha de um discurso seu. "O Eixo é que não deve ter gostado!"<sup>11</sup>

Contudo, pouco depois, preocupa-se com Franco, "bastante perturbado com as grandezas do mando", e com "os perigos de certas ideias que acalenta"<sup>12</sup>, com a perda de terreno da França, cujo representante se vale da sua influência junto de Franco para ser por ele recebido<sup>13</sup>.

Recebido por Franco, nas vésperas da deflagração da guerra mundial, regista a cordialidade, e a decisão de "fazer grandes reformas sociais", para elevar o nível de vida das classes trabalhadoras, receando porém que Portugal o não acompanhe e se venha a notar o contraste. Não percebia aliás "os grandes saldos nas nossas contas de exercício quando havia tanta coisa a fazer. Ele pessoalmente não estaria disposto a ter excedentes!". E comentando a situação internacional "Franco disse que outra seria a situação da Europa se a Inglaterra se tivesse convencido a tempo que era com três países que teria de entender-se: Espanha, Portugal e Itália". A saída confessa a Salazar que Franco "cada vez gosta mais de falar com tom doutoral sobre os assuntos mais complexos e inesperados", e que cada vez está mais apreensivo com as ideias do generalíssimo. "Acho-o enamorado do poder e do poder pessoal. De todos os que governam a Espanha é ele que me diz as coisas mais estranhas e que fala a linguagem mais próxima do "Eixo". Tanto o Ministro dos Assuntos Exteriores como o da Marinha concordaram "que a Alemanha passara as marcas da tolerância internacional e que a Itália se encontra em situação desgraçada". "Só Franco me falou com grandes reservas a este respeito e não achou, por exemplo, escandaloso, o entendimento com a Rússia. Repito: acho-o um homem estranho e muito deslumbrado pelas ideias do eixo. O único progresso foi a referência a um entendimento da Inglaterra com Portugal, Espanha e Itália"<sup>14</sup>.

Em finais de Setembro, Teotónio Pereira regressava de Burgos "possuido da mesma inquietação e da mesma impressão de tristeza" das semanas anteriores. "Impressiona o ressentimento geral contra a França e a Inglaterra. E até o que a aproxima nesta hora da Alemanha está muito longe de ser o amor: é simples medo, a convicção do poder temeroso daquela última"<sup>15</sup>. E acrescentava a Salazar: "O Generalíssimo tem muito mais de Sancho Pança do que de D.Quixote"<sup>16</sup>. E manifestava-se apreensivo com a carreira de Franco - "sem dúvida o aspecto mais sério da questão": "Agora já recebe sobre o Trono do Palácio Real!"<sup>17</sup>

<sup>8</sup>I,p.170

<sup>9</sup>I,p.172

<sup>10</sup>I,p.175

<sup>11</sup>I, p.176

<sup>12</sup>I,p.187

<sup>13</sup>I,p.180

<sup>14</sup>I,p.195

<sup>15</sup>I,p.205

<sup>16</sup>p.208

<sup>17</sup>I,p.218

## 2. EM MADRID DURANTE A PRIMEIRA FASE DA GUERRA MUNDIAL

Iniciada a guerra, as simpatias de Espanha iam para o lado alemão. A Espanha aderira ao Pacto Anti-Komintern. E a esmagadora maioria dos espanhóis preferia a vitória alemã e conservava ressentimento do comportamento francês e inglês durante a guerra civil. "Todo o inverno de 1940 decorreu entre demonstrações cada vez mais claras de germanofilismo -recorda nas suas Memórias Teotónio Pereira. Os alemães triunfam em Madrid e conquistam todos os sectores. Onde encontram qualquer resistência, lá está a Falange para lhes abrir o passo"(...) "Vão rareando -dizia ele -as formas de estima por alguns dos amigos do tempo da guerra civil e simultaneamente voltam a aparecer livros ou artigos de doutrina inquietante"<sup>18</sup>,

Apesar disso, os aliados conseguem continuar a fazer publicar em Espanha notícias e fotografias que lhes são favoráveis. Os alemães atribuem essa propaganda dos aliados à "acção perigosa desenvolvida por Portugal junto do governo espanhol, conhecida a extraordinária influência pessoal e política do Embaixador de Portugal em determinados meios políticos e sociais de Espanha. ", especialmente junto dos Ministros de Assuntos Estrangeiros, das Finanças e da Indústria e Comércio, a quem se deveria o tratado Comercial com a França e o projecto de tratado com a Inglaterra, "feitos com a tenaz oposição da Alemanha", e a quem se devia a aproximação da Espanha aos países aliados.<sup>19</sup>

A pressão alemã sobre Franco não abrandava, tal como sobre a imprensa que lhe fazia o jogo. Em Março de 1940 a pressão para que a Espanha lançasse a mobilização geral intensifica-se. "Sente-se outra vez o esforço enorme da propaganda alemã para arrastar a Espanha ou paralisá-la de medo"(...) O ambiente aqui é de grande nervosismo e de muita inquietação. Mas creio que no consenso geral os alemães vão-se desclassificando", comentava a Salazar Teotónio Pereira em 10 de Maio.

Salazar dá por isso instruções precisas a Teotónio Pereira: ajudar Franco a manter a neutralidade, evitando sentimentos hostis da Inglaterra para com a Espanha. E ao mesmo tempo evitar que cheguem a Portugal os italianos e alemães que de Espanha tentam passar a Portugal, para aqui desenvolver propaganda, negando-lhes vistos de entrada.<sup>20</sup>

Mas, nos primeiros tempos da guerra, o clima é adverso. "Fora de dúvida - relata Teotónio Pereira<sup>21</sup> - que a Espanha continua odiando os aliados. Poucas são as pessoas que conseguem elevar-se acima deste ressentimento. As vitórias alemãs são recebidas com júbilo e não serei eu que me descubra demasiado a fazer o jogo contrário bem à vista. Infelizmente as coisas estão correndo de tal maneira que é difícil convencê-los de que a Alemanha não vai ganhar a guerra. Os mais razoáveis quando se lhes fala das vantagens da neutralidade, mastigam sempre: sim, de facto, não podemos fazer a guerra, estamos mal preparados. Quer dizer: não é que julguem a guerra infame. É que se crêem em má posição para tentar o golpe! Se V.Exa me perguntar quais são os que sentem os perigos da hegemonia alemã, dir-lhe-ei que são mais raros que trevos de quatro folhas. Neste aspecto o instinto de salvação, a fé católica, o espírito latino, são afogados pelo ódio contra a França e contra a Inglaterra!<sup>22</sup>".

O próprio Serrano Suner não ocultava "verdadeiro contentamento pelas vitórias alemãs", e considerava "um alívio ver terminar a hegemonia inglesa na Europa e que para isso de bom grado a Espanha arrostará com a nova hegemonia germânica", que "não pesará tanto como a primeira, pois Hitler vai ver-se aflito para fazer frente a todos os problemas que lhe trará a vitória"<sup>23</sup>.

Entretanto a Inglaterra tentava ganhar terreno com auxílio económico a Franco que pretendia oferecer através de Portugal. Mas com o avanço alemão, e a entrada em guerra da Itália, em 12 de Junho de 1940, a Espanha passava da neutralidade à não beligerância. Cresciam os boatos de um ataque italiano a Gibraltar e de um desembarque inglês em Portugal. Por isso Vigon, novo Ministro

<sup>18</sup> *Memórias*, ii, p.203

<sup>19</sup> *Correspondência...II*, p.15

<sup>20</sup> I, pp.36e37

<sup>21</sup> H, p.39

<sup>22</sup> H, p.39

<sup>23</sup> n, p.42

do Ar pergunta a Teotónio Pereira se "não seria conveniente uma declaração solidária dos dois governos acerca da inviolabilidade dos territórios nacionais"<sup>24</sup>. E Franco concorda com um Protocolo Adicional ao Pacto, assinado em finais de Julho de 1940. Teotónio via na chegada dos alemães aos Pirinéus um perigo, mas Franco nada receava desse facto. "Hitler era um homem extraordinário, moderado, sensível, cheio de espírito de humanidade e com grandes ideais a conduzirem-no na vida. (...) A Alemanha tinha a guerra ganha. A Inglaterra nada mais podia fazer que prolongá-la a ver se com a resistência poderia conseguir condições melhores que as da França".

Em Lisboa, Nicolau Franco oferecia a Salazar apoio militar da Espanha contra a Inglaterra. E garantia que se a Alemanha invadisse a Espanha e Portugal, os espanhóis não só não se oporiam como se atirariam sobre Gibraltar. Teotónio Pereira insistia junto do representante inglês em Madrid que se não desse nenhum pretexto para tal. E em Julho confidenciava a Salazar que "os dirigentes da Espanha não parecem entender o perigo que os ameaça"<sup>25</sup>.

Em Outubro de 1940 Teotónio Pereira condecora Franco em Madrid, o que é pretexto para reafirmação pública da amizade com Portugal, e da intenção da proclamação simultânea dos dois países da neutralidade depois da intervenção da Itália nos Balcãs. O Rei Carol da Roménia, que o governo de Antonescu pedira ao de Lisboa para receber, é retido em Espanha por pressão do mesmo governo romeno sobre o de Madrid.

A 17 de Outubro, por pressão dos alemães, Serrano Suner substitui Beigbeder nos Assuntos Exteriores, ameaçando de demissão, no discurso de posse, todos os diplomatas espanhóis, gerando "grande ansiedade, para não dizer, a maior agitação"<sup>26</sup>.

E a 23 desse mesmo mês, Franco e Hitler encontram-se em Hendaye, onde é assiando por Suner e pelo embaixador alemão em Madrid o protocolo que previa a entrada em guerra da Espanha, ao lado do Eixo. Teotónio comunica a Salazar que se "esperam acontecimentos graves", que "no corpo diplomático reina o pânico", e que até os italianos também se mostram desconcertados"<sup>27</sup>. Serrano Suner dissera ao embaixador americano que "a Espanha se solidarizara politicamente com o eixo", E corre que se fez em território francês um ramal ferroviário com a bitola ibérica para fazer o embarque em França sem ser preciso mudar na fronteira, embarque que se previa para meados de Dezembro.

Serrano Suner explicou então a Teotónio o sentido das suas deslocações à Itália e a Berlim, em Outubro de 1940 e as suas impressões de Hitler: "homem misterioso e complexo": "técnico de histrionismo": "zanga-se, chora, entenece-se, ameaça, na altura que lhe convém. É implacável, feroz como um iluminado germânico". Está convencido da vitória alemã e que é preciso acautelar posições. Franco é um simplório. Hitler a todos embrulha. "Aproximam-se dias que decidirão do futuro da Europa e é indispensável que Portugal e Espanha estejam de acordo para defesa dos seus mútuos interesses. Divididos serão joguetes de interesses alheios e do capricho dos mais fortes"<sup>28</sup>.

Entretanto os desaires da Itália na guerra iam tendo a mais funda repercussão em Espanha. E a questão de Tanger, incorporada pela Espanha, agravava as relações entre a Inglaterra e a Espanha, dificultando o possível apoio económico e alimentar inglês à Espanha a braços com uma crise de pão, enquanto não fossem dadas explicações a Londres nem se remediasse a situação criada aos ingleses na cidade do norte de África (funcionários internacionais e respectiva colónia).

Avinda para Portugal do Rei Carol da Roménia, obrigado a abdicar por Antonescu, em Setembro de 1940, desejada pelo próprio e temida por alemães e italianos, que recebavam a sua passagem a Inglaterra ou aos EU, agitava o governo espanhol<sup>29</sup>.

Nos começos de 1941, Teotónio Pereira dizia a Salazar que começava a detectar "indícios sérios de reviravolta da opinião aqui ( em Madrid). Cada dia me parece mais certo que a Espanha já começa a reagir contra a influência alemã"<sup>30</sup>.

<sup>24</sup>n.p.55

<sup>25</sup>n.p.66

<sup>26</sup>n.p.97

<sup>27</sup>n.pp.100-101

<sup>28</sup>n.p.111

<sup>29</sup>Hp.141

<sup>30</sup>n.p.147

A Alemanha propusera à Espanha a entrada em guerra a 2 de Janeiro, recusada por Franco por não estar em condições de o fazer. A 12 solicitou então livre passagem de tropas em direcção a Gibraltar. Hitler voltara a convidar Franco para novo encontro. Teotónio Pereira quer avistar-se com Franco para o dissuadir a aceitar. O Embaixador inglês Hoare, está convencido de uma invasão alemã da península na primavera, e pressiona Teotónio Pereira a quem diz várias vezes que Salazar tem "maior influência que ninguém junto do Generalíssimo"<sup>31</sup> e que veria com bom olhos um encontro de Salazar com Franco, Teotónio Pereira pede por isso uma audiência a Franco a 24 de Janeiro<sup>32</sup>, sendo recebido a 29, a quem fala dessa possibilidade.

Serrano Suner que ao contrário dos Ministros anteriores deixou de chamar frequentemente o embaixador português, limitando-se a recebê-lo a pedido deste, expusera a Teotónio Pereira o "efeito fulminante que teria a entrada da Espanha na guerra. A esquadra inglesa no mediterrâneo encerrada ou destroçada no estreito quando quisesse fugir e o desespero por tal notícia na opinião inglesa, facilitando o salto final da Alemanha sobre a ilha", Mas nega, "por orgulho e jactância"<sup>33</sup> que a Alemanha tenha pedido à Espanha a entrada em guerra, enquanto acusa a Inglaterra de a empurrar para "um acto de desespero". Teotónio Pereira diz-lhe que essa entrada em guerra seria uma "rematada asneira", e insiste na existência de "interesses solidários" e da necessidade de uma "política da península"<sup>34</sup> E insiste no encontro de Franco com Salazar antes do encontro daquele com Hitler. Os sectores germanófilos do governo de Madrid, que preconizavam a não resistência à entrada dos alemães, e conheciam a "crescente hostilidade dos chefes do exército"<sup>35</sup> (que Teotónio recebia e que o recebiam) não desejavam que este se aproximasse demasiado de Portugal. Franco, de quem Teotónio Pereira confessa não fazer "grande ideia a seu respeito", está hesitante. Mas em começos de Fevereiro pôs-se a caminho de Bordighera com Serrano Suner, onde se avista com Mussolini a 12 de Fevereiro. Franco argumentara a Hitler com a pressão das sanções sul americanas para defender a neutralidade, e minorara a oferta de voluntários a Mussolini, porque tal comprometeria a Espanha com o eixo, e a quem diz que não assumiria compromissos internacionais sem consultar Portugal<sup>36</sup>. Depois avista-se com Petain.

Teotónio Pereira sugere a Salazar que escreva uma carta a Franco. E vai dando informações da perda de influência de Serrano Suner, com cada vez mais oposição interna, e da Falange. E insiste com Nicolau Franco na vantagem de um encontro entre os líderes peninsulares.

Em começos de Março apresenta a Serrano Suner uma nota de protesto por o Arriba ter publicado um artigo ofensivo para com a imprensa portuguesa (escrito aliás pelo próprio Serrano)<sup>37</sup>. E vai transmitindo a animosidade diplomática do Ministro dos Estrangeiros para com ele e Portugal, ao mesmo tempo que pressionava Franco a aderir ao Eixo. Mas, como reconhecia o Núncio Cicognani, "o pacto com Portugal tinha sido até agora (1941) a salvação da Espanha e poderia bem continuar a sê-lo"<sup>38</sup>.

Serrano Suner, segundo Teotónio, "fez o que pode para impedir o protocolo até ao ponto de recusar a notícia nos jornais. E data daí a hostilidade franca que nele encontramos, sem mesmo grande preocupação de a disfarçar".<sup>39</sup> Opusera-se à ida a Lisboa da delegação espanhola à exposição dos centenários. Em finais de Setembro de 1940, deslocara-se por conta própria a Berlim, tendo oferecido aos alemães a imediata colaboração da Espanha<sup>40</sup>. Falara da combinação de uma partilha da África com Ciano, de uma linha de Argel ao Cabo. A que Hitler retorquiria: "Se os senhores querem tanta coisa porque não aproveitam a ocasião para absorver Portugal? Com as colónias

<sup>31</sup>II, p.150

<sup>32</sup>H,p.151

<sup>33</sup>n,p.155

<sup>34</sup>n,p.154

<sup>35</sup>II,p.163

<sup>36</sup>n,p.183-184

<sup>37</sup>n,p.285

<sup>38</sup>II,p.274

<sup>39</sup>n,p.282

<sup>40</sup>H,p.342

deste já ficavam bem fornecidos<sup>41</sup>. Teotónio Pereira considerava como "dementada política"<sup>42</sup> a sua actuação. Salazar era para Serrano, "um anglófilo muito perigoso", "o último amigo da Inglaterra na Europa".<sup>43</sup> Talvez por isso os alemães em Madrid fossem considerados pelo Embaixador português, como "verdadeiros demónios e em matéria de espionagem e de propaganda deixam os outros a perder de vista"<sup>44</sup>. E Franco continuava a parecer-lhe "abaixo das circunstâncias".<sup>45</sup>

Enquanto isso os jornais portugueses eram proibidos de entrar em Espanha. Teotónio Pereira pediu explicações ao Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros Peche, que lhe explicou que "os nossos jornais eram de um país escrupulosamente neutro, enquanto que os de Espanha eram os de um país não beligerante". Por isso perguntava Teotónio Pereira a Salazar se deveria fazer o mesmo aos jornais espanhóis em Portugal<sup>46</sup>. Peche diria, dias depois, ao embaixador português que a razão dessa proibição estava no facto de "a imprensa portuguesa" ser "demasiado anglófila, e portanto contrária à atitude da Espanha"<sup>47</sup>.

Em Espanha temia-se a invasão inglesa de Portugal ou dos Açores. Por isso Teotónio Pereira propõe a Salazar uma declaração sobre os Açores, em finais de Abril.<sup>48</sup>

Em Maio, Serrano Suner é afastado das funções de Ministro da Governação e da Falange, ficando apenas nos Estrangeiros. A intervenção dos embaixadores alemão e italiano em defesa de Serrano é noticiada por Teotónio Pereira: fizeram "sentir a Franco o mau efeito que causaria a saída de Serrano e a convicção em que ficariam os do "Eixo" que isso fora um triunfo inglês. Isto foi dicto com tacto e sem ar de coação".<sup>49</sup> Franco cedera: "continua a ser o homem fraco do costume", observava Teotónio Pereira, para quem "a entrada de Serrano no M<sup>Q</sup> do Estado fez desaparecer da política da Espanha para connosco os últimos vestígios de boa fé."<sup>50</sup>

Franco estaria convencido de uma vitória alemã. Quando estes tomassem o Suez, ordenar-lhe-iam para atacar Gibraltar. A neutralidade espanhola era vital para os ingleses manterem Gibraltar.

Entretanto o Presidente Roosevelt, em resposta ao protesto de Salazar contra as declarações de 6 de Maio do senador Pepper, que preconizara a ocupação dos Açores e Cabo Verde, anuncia num discurso a 27 de Maio a intenção de se antecipar aos alemães na ocupação das ilhas do Atlântico.

O ataque alemão à Rússia em Junho de 1941, aproximou mais ainda a Espanha do Eixo, que enviou a Legião Azul, comandada por Munoz Grande para a frente leste. Em Madrid houve ataque à embaixada inglesa com a conivência das autoridades. E até Franco atacou a Inglaterra e os Estados Unidos em discurso a 17 de Julho ao Conselho Nacional da Falange, o que foi lido como iminência de uma ruptura. Teotónio Pereira comentava: "Havia de ver V. Exa. a cara triunfante de Serrano, enquanto o generalíssimo gritava e se movia na tribuna como um boneco animado".<sup>51</sup> Em Madrid acreditava-se que a ofensiva alemã contra a Rússia terminaria em breve, e que depois dessa campanha, havia "grande probabilidade de se ver a Espanha metida na guerra"<sup>52</sup>. Mas os militares pressionavam para afastar Serrano do governo e, com ele, essa perspectiva. Em todo o caso, a investida alemã a leste afastava a hipótese de uma idêntica intervenção na península.

Em Itália, como confessou um jornalista italiano a Teotónio Pereira, "os elogios ao caracter e aos métodos de Salazar podiam quasi sempre ser interpretados como críticas sangrentas a Mussolini".<sup>53</sup>

Em começos de Dezembro de 1941, o governo alemão pergunta ao espanhol o que pensaria fazer em caso de desembarque anglo-americano nas ilhas portuguesas do Atlântico, ou no conti-

<sup>41</sup>II, p. 342

<sup>42</sup>n.p.287

<sup>43</sup>II,p.282

<sup>44</sup>n.p.284

<sup>45</sup>II, p. 287

<sup>46</sup>H,p.396-397

<sup>47</sup>II,p.401

<sup>48</sup>II,p.280

<sup>49</sup>n.p.331

<sup>50</sup>II,p.400

<sup>51</sup>II, p.388

<sup>52</sup>H, p.391

<sup>53</sup>II,p.402

nente. ou na zona francesa de Marrocos. O governo espanhol nada diz ao governo português, mas responde ao alemão não ter meios para ajudar Portugal, no primeiro caso, mas que em nome do pacto prestaria toda a assistência, no segundo caso. Quanto a Marrocos considerar-se-ia ameaçado e usaria de todos os meios defensivos e ofensivos.<sup>54</sup>

Nos começos de 1942 Serrano aborda a possibilidade do encontro de Franco com Salazar sugerido um ano antes por Teotónio, e o seu impacto no mundo latino-americano. A conferência do Rio deixara isolada a Espanha. Tal denunciava uma vontade de aproximação com Portugal, e da sua neutralidade, e uma maior demarcação do eixo, apostado na separação dos dois países peninsulares. As dificuldades alemãs na frente leste a isso ajudavam. A Espanha desiludida, começava a arrear caminho.

O encontro é combinado para Sevilha, e intensificam-se os preparativos. A 12 de Fevereiro, Salazar e Teotónio Pereira encontram-se com Franco e Serrano Suner e Nicolau Franco em Sevilha. O encontro tem impacto nos protagonistas e na opinião pública.

Serrano, que aceitara a ideia com reserva e espírito crítico, rendera-se a Salazar, à sua sinceridade, simplicidade, transparência de intenções, coragem moral e cortezia, honradez e firmeza de convicções, na opinião de Teotónio Pereira. Caíram as reservas e suspeitas, e considerou o encontro um "bem inestimável". Salazar ficaria a perceber que os espanhóis não seriam tão sujeitos aos alemães como se supunha, e os governantes espanhóis ficariam a perceber que Portugal não era o que os ingleses pretendiam que se imaginasse. Saía reforçada a neutralidade dos dois países peninsulares." A ida a Sevilha fora um Cabo das Tormentas. Que seja o da Boa Esperança", comentava a Salazar Teotónio Pereira. O encontro provocara ansiedade e alarme entre os alemães, e apreensão entre os americanos. Os americanos temiam um afastamento português da aliança inglesa. Os alemães uma aproximação espanhola a Portugal e aos ingleses. Mas o embaixador inglês em Madrid acreditava que o contacto de Franco com Salazar em Sevilha seria útil aos aliados. A função de Portugal era, segundo ele, a de "aguentar a Espanha"<sup>55</sup>. O embaixador alemão, por seu turno, não deixou porém de saudar Portugal pelo encontro, pela melhoria que produzia nas relações entre os dois países peninsulares.

Franco continuava no entanto preocupado com a hipótese de um desembarque aliado nas costas continentais portuguesas, desembarque que os serviços secretos insinuavam para perturbar o entendimento luso-espanhol. Ao apoiar sectores secretos da oposição em Portugal, os aliados davam por seu lado fundamento a tais suposições.

As negociações entre Portugal e Espanha sobre temas comerciais e económicos pareciam não avançar facilmente, contrariando a aproximação política.

Enquanto isso, a visita de D. Duarte Nuno ao Brasil, com intuito de contrair matrimónio com uma princesa do ramo liberal da casa de Bragança, era vista em Madrid, onde chegara o pretendente ao trono português, como mais uma demonstração da visão política de Salazar.

### 3. EM MADRID NA ÚLTIMA FASE DA GUERRA

A intervenção aliada no norte de África, no verão de 1942, alterava as sortes da guerra a Ocidente. A perspectiva de uma vitória aliada e a convicção de uma derrota alemã a prazo determinou a substituição de Serrano Suner por Jordana nos Estrangeiros.

Os espanhóis temiam que a Alemanha solicitasse a passagem de tropas para o norte de África, o que significaria a guerra na península<sup>56</sup>. Teotónio Pereira ofereceu, por isso a Jordana o apoio português a uma declaração conjunta em face da beligerância. Jordana recomendara prudência. De facto, o embaixador alemão avisara que uma declaração da Espanha a favor da neutralidade, nesse momento, seria tomada como acto ofensivo<sup>57</sup>.

<sup>M</sup>E,p.600

<sup>55</sup>in,p.41

<sup>56</sup>in,p.245

<sup>57</sup>IH,p.247

Mas a convicção de que a neutralidade ibérica prevaleceria ia aumentando. Por isso se insiste na conveniência de novo encontro de Franco com Salazar. As recriminações italianas e alemãs pelo não alinhamento da Espanha recrudesciam em Madrid. Mas a 18 de Novembro de 1942 já Teotónio Pereira podia dizer a Salazar que a Espanha estava então "bem metida na sua neutralidade armada"<sup>58</sup>. Franco tomara o "bom caminho", apesar de alguns militares quererem a entrada em guerra depois dos acontecimentos no norte de África.

Entretanto anuncia-se a visita de Jordana a Lisboa na segunda quinzena de Dezembro, reforçando as orientações neutras da Espanha. O Embaixador alemão em Madrid é por isso demetido por Berlim. Na sequência dessa deslocação, Franco encarrega Jordana de preparar novo encontro em Ciudad Rodrigo.

Salazar ia sendo visto com cada vez maior prestígio no contexto europeu, à medida que as sortes da guerra pendiam para o lado aliado. Em começos de Março de 1943 os alemães concentram tropas na fronteira, enquanto circulavam ideias nos Estados Unidos de alugar bases nos Açores. As necessidades de concertação de posições entre os dois países do Bloco Ibérico aumentavam por isso. Salazar chamava a atenção de Teotónio Pereira para as vantagens também de posições isoladas de parte a parte, desde que houvesse delas informação recíproca<sup>59</sup>.

Enquanto isso, a Inglaterra continuava a querer fazer concertadamente com Portugal a sua política espanhola. Salazar indagara junto do embaixador inglês que procedimento seria tomado, depois da guerra, para com os países neutros. Obteve como resposta a ênfase no papel desempenhado por Portugal na manutenção da tranquilidade na península. Dizia a Teotónio Pereira: "O governo britânico conhece a influência que tem a nossa actuação e os nossos conselhos junto do governo de Madrid, aprecia-os devidamente e espera continuarmos a prestar esses serviços"<sup>60</sup>. Pelo lado espanhol, Jordana dizia ao embaixador português ser a amizade portuguesa a prioridade do seu programa. Mas Franco parecia não dar desenvolvimento a essa intenção. As pressões do eixo faziam crer iminente o ataque anglo-americano a Portugal, o que refreava essa aproximação.

Salazar começara a negociação da concessão de facilidades nos Açores aos ingleses, pensando nas repercussões internas e externas dessa atitude. O que preocupava em relação à reacção do eixo e da Espanha. A queda de Mussolini e o acordo com os ingleses favoreciam porém Salazar. A perspectiva de uma derrota do eixo, colocava em Espanha a perspectiva da sobrevivência do regime no pós-guerra, consolidando a neutralidade, O que criava dificuldades à Falange, em perda de influência, e obrigava ao regresso rápido da Rússia da "divisão azul".

Entretanto a "questão do volfrâmio" tornava-se numa questão central da política de guerra. Aliados e alemães disputavam a exportação de volfrâmio. Em Janeiro de 1942 e em Abril de 1943, o governo de Lisboa firmara acordos com o de Berlim para a troca de volfrâmio por ferro e aço. Ao negociarem as bases nos Açores, os aliados conseguem obter de Salazar uma melhoria das quotas de importação de volfrâmio. Em Janeiro de 1944, os ingleses pressionam sobre o governo de Lisboa, associando essa pressão a manobras de destituição de Salazar, no sentido de conseguir o embargo da exportação para a Alemanha. Os americanos fazem idêntica pressão sobre o de Madrid, acenando com o fornecimento de petróleo, de que os espanhóis estavam muito carenciados. A Espanha cede primeiro. Depois é a vez de Portugal. A 12 de Junho Salazar encerra finalmente as minas de volfrâmio, proibindo a exportação para qualquer das partes em conflito.

O pacto ibérico não conhecia porém desenvolvimentos. Franco não parecia querer dar-lhe maior amplitude nem significado. De acordo com um desabafo do general Kindelan a Teotónio Pereira, Franco "tinha um acordo secreto militar com os alemães para se lhes juntar no momento conveniente, e fora levado a esse acordo em virtude de Hitler lhe haver prometido mãos livres no norte de África. Mas pouco depois Hitler chamou Franco (entrevista de Hendaya) para lhe dizer que não podia manter tal compromisso porque se resolvera a política de colaboração com Petain e Lavai. Franco ficou furioso e só então deixou de pensar em se meter na guerra, que era o seu verdadeiro

---

<sup>58</sup>III, p.254

<sup>59</sup>IV, p.149

<<repiso

propósito ao declarar a não-beligerância. Kindelan afirmou que conhecia todos os factos da própria boca de Franco<sup>61</sup>

Contudo, fora o Protocolo de 1940 que explicara a não intervenção da Espanha na guerra, como insistiria mais tarde Teotónio Pereira a Nicolau Franco<sup>62</sup>,

Apesar disto a opinião dos ingleses a respeito do papel de Portugal em Espanha era a de que se evitara a guerra na península, e que isso fora vital para a Inglaterra<sup>63</sup>, Franco porém minimizava esse papel, não admitindo que "um grande paiz como a Espanha em caso nenhum poderia ir a reboque de Portugal", como confidenciara um dia<sup>64</sup>.

Enquanto isso Armindo Monteiro abandonava a embaixada em Londres em dissidência com a política de guerra de Salazar, sendo substituído por Palmeia. As negociações com os ingleses contribuíam para melhorar a imagem do regime nas ilhas britânicas, afastando-o dos governos totalitários. Até porque a cedência de bases nos Açores aos aliados poderia significar para Portugal a entrada em guerra, como observava Teotónio Pereira ao embaixador inglês em Espanha, pedindo-lhe compreensão para a delicadeza das negociações<sup>65</sup>. Isso mesmo era temido pelas potências do eixo. Mas a queda de Mussolini, em Itália, "serviu ao menos para abrir um fosso entre nós e o nazismo", comentava Teotónio Pereira<sup>66</sup>. E contribuíam na opinião de Churchill, dada ao Duque de Alba, para reforçar o papel da Espanha no Mediterrâneo, se esta declarasse a neutralidade.

A 8 de Outubro de 1943, Franco e Salazar, com a presença de Jordana e dos dois embaixadores encontravam-se em Ciudad Rodrigo, e aí Salazar informa Franco do acordo de concessão de facilidades aos ingleses nos Açores. Os alemães concentraram forças nos Pirinéus para pressionar a Espanha, e com intuítos defensivos.

O acordo português com a Inglaterra provocara desgosto em Espanha. E a imprensa não relatara os procedimentos portugueses para com o governo espanhol havidos em Ciudad Rodrigo. "Apesar de toda a nossa lealdade e correcção do nosso procedimento, a Espanha sentiu que a temos empurrado para um caminho contrário ao que ela desejava. Isto doeu-lhe e não nos podemos iludir. Não nos perdoa", comentava a Salazar o embaixador português<sup>67</sup>. " Nós somos - os portugueses em geral - anglófilos por amor. (...) Os espanhóis são germanófilos por anglofobismo: por rancor, para não dizer por ódio<sup>68</sup>. A Alemanha temia sobretudo o que viesse depois dos Açores. E por isso exercia forte pressão sobre a Espanha, com concentrações de tropas no sul da França.

No entanto, a guerra caminhava para o seu fim, lenta mas inexoravelmente, e o governo espanhol começava a preparar a sobrevivência do regime para além dela, aproximando-se dos aliados, particularmente dos americanos. Franco chegou a fazer declarações sobre o reconhecimento do governo soviético que embarçaram Lisboa<sup>69</sup>, e levaram Salazar a pedir explicações<sup>70</sup>.

Depois da questão do volfrâmio, pôs-se a questão dos refugiados.

Teotónio Pereira conduzia as relações diplomáticas portuguesas com a Espanha de maneira a reforçar os laços peninsulares, a defender os interesses aliados na península e a permitir a sobrevivência dos dois regimes para além do fim da guerra. Ele fora "o melhor amigo da Inglaterra na capital do país com o qual interessava evidentemente também conseguir boas relações", como se definiria um dia<sup>71</sup>, e um fiel colaborador de Salazar.

---

<sup>61</sup>IV, p.731

<sup>62</sup>IV, p.681

<sup>63</sup>IV, p.199-200

<sup>64</sup>IV, p.256 <sup>66</sup>IV,

p. 243 <sup>67</sup>IV, p.

295-296 <sup>68</sup>IV, p.

306 <sup>69</sup>IV, p.654

<sup>70</sup>IV, p.69fr691

<sup>71</sup>IV, p.725